

Comandante de ação que resultou na morte de 19 sem-terra pega 228 anos, mas poderá recorrer

Júri condena coronel por Carajás

FMI, Bird e OMC criticam países ricos por comércio

As três principais organizações econômicas multilaterais — o FMI, o Bird (Banco Mundial) e a OMC (Organização Mundial do Comércio) — divulgaram documento conjunto para condenar o protecionismo dos países ricos.

Apesar de os EUA não serem citados, o repúdio às medidas contra o livre comércio ocorre num momento em que o governo do país eleva as taxas de importação do aço e amplia os subsídios agrícolas. Pág. B1



O coronel Mário Colares Pantoja deixa o tribunal, após ser condenado a 228 anos de prisão pelo massacre de Carajás

José Reis, incentivador da ciência, morre aos 94



O pesquisador José Reis

Brasileiro que mais fez pela divulgação da ciência no país, o pesquisador e jornalista José Reis morreu em São Paulo, aos 94, de pneumonia.

Reis, um dos fundadores de entidades importantes, como a SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), esteve lúcido e continuou a produzir nas suas últimas semanas. O enterro será hoje. Pág. A13

Congresso acusa Bush de desprezar alertas

O Congresso dos EUA fez acusações duras ao presidente George W. Bush pela revelação de que, antes de 11 de setembro, a CIA o alertou do possível sequestro de aviões do país pelo terrorista Osama bin Laden.

"Precisamos fazer uma investigação, precisamos saber quais informações foram enviadas à Casa Branca e o que eles fizeram com elas", disse o deputado Dick Gephardt, líder dos democratas na Câmara.

O vice-presidente Dick Cheney afirmou que o país ainda corre risco de sofrer um "ataque terrorista devastador" e que as críticas democratas são "totalmente irresponsáveis" num momento tão delicado.

Condoleezza Rice, assessora de segurança nacional, disse que os alertas não detalhavam data, local ou método de ação e que Bush "teria agido se soubesse que aviões seriam usados como mísseis". Pág. A10



leiro de Pesquisas Físicas e da USP) (Universidade Federal do Rio de Janeiro).

José Reis era um dos grandes cientistas brasileiros. Foi pioneiro em várias iniciativas, na SBPC particularmente. Ele escreveu duramente sobre ciência para jornais. Um grande nome e uma grande figura. Perdemos muito com o seu desaparecimento.

ADOLFO JOSÉ MELFI, geólogo e reitor da USP (Universidade de São Paulo):

O nome do professor José Reis confunde-se com a própria memória da divulgação científica brasileira. Cientista e jornalista de reputação irretocável, José Reis foi figura ímpar para a consolidação da pesquisa e da divulgação da ciência. Na USP, sua relevância foi expressa com a criação de um núcleo na Escola de Comunicações e Artes que leva seu nome. Como um dos fundadores da SBPC e da Fapesp, dentre as inúmeras realizações e prêmios que recebeu, José Reis deixará à história sempre sua marca no país de nosso país.

WARWICK ESTEVAM KERB, geneticista, membro da Academia Nacional de Ciências e EUA e fundador do Inpa (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia):
O trabalho dele foi dos mais importantes — a capacidade que ele tinha de passar a ciência para o público leigo era extraordinária. Duas pessoas que me influenciaram muito foram Rodolfo de Ihering e José Reis. O Reis foi um dos grandes amigos que eu tive em São Paulo, especialmente quando morei em Ribeirão Preto [nordeste do Estado].

AZEL AB'SABER, geógrafo e professor emérito da USP:

A trajetória de José Reis foi extraordinária. A partir de um trabalho institucional no Instituto Biológico ele partiu para a maturidade na divulgação de ciência, numa época em que ninguém no país se importava em colocar ciência numa linguagem acessível. Até hoje é difícil fazer isso, colocar conhecimento na cabeça da população. Ele, além de tudo, se preocupava com a interdisciplinaridade. Eu tenho um entusiasmo e uma admiração muito grandes pelo nosso José Reis.

em vida. O Cnpq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) concede anualmente o Prêmio José Reis de Divulgação Científica a instituições, jornalistas e cientistas. Ele também ganhou prêmios por seu trabalho de divulgação, como o Kalinga, entregue pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura). Entre outros ganhadores desse prêmio estão o filósofo britânico Bertrand Russell e a antropóloga americana Margaret Mead.

Nascido no Rio de Janeiro em 12 de junho de 1907, foi o antepassado dos treze filhos de Alfredo de Souza Reis e Maria Paula Soares Reis. Sua formação científica foi feita na Faculdade Nacional de Medicina (1925-30) e no Instituto Oswaldo Cruz (1928-29). Foi em seguida ao Rockefeller Institute, Nova York, se especializar em virologia, de 1935 a 36. Conheceu cientistas famosos e foi influenciado por eles. Já nessa época se preocupava com a disseminação do conhecimento; trabalhou no Rio como professor secundário.

Seu excelente currículo no Instituto Oswaldo Cruz fez com que fosse convidado para trabalhar como bacteriologista no Instituto Biológico de São Paulo. Aposentou-se do instituto em 1958.

Reis começou a pesquisar interessado basicamente no que se



costuma chamar de "ciência pura", sem aplicações práticas imediatas. Mas passou a se interessar também pela ciência aplicada quando notou os problemas práticos que a avicultura no país tinha com doenças. Tornou-se um especialista em doenças de aves respeitado internacionalmente. Entre seus assistentes estava sua mulher, Annieta Swensen Reis, cujo Tratado de Ornitológica, com participação de Annieta e Paulo Nóbrega, foi exemplo dessa repercussão internacional.

Envolvimento com a administração do Instituto Biológico, acabou adicionando a administração pública à sua lista de conhecimentos, publicações e serviços prestados — colaborou com reformas administrativas no governo paulista. Foi diretor geral do Departamento do Serviço Público durante cinco anos, nos governos de Fernando Costa e Macário Soares.

Também foi o organizador e o primeiro diretor da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas, atual Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, da USP.

Reis foi um dos fundadores da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência) em 1948, junto com intelectuais e cientistas como Maurício Rocha e Silva, Paulo Sawaya e Gastão Rosenfeld. Foi o primeiro secretário-geral da entidade e depois presidente de honra. Foi de novo eleito para presidir o órgão em 1979, mas problemas de saúde impediram que exercesse o cargo.

Jornalista

Seu trabalho na Folha foi além da divulgação de ciência. Foi diretor de redação do jornal de 1962 a 1967, quando pediu para deixar o cargo. Foi um período delicado. Após o movimento de 64 começaram perseguições políticas a cientistas, notadamente "a caça às bruxas" na Universidade de São Paulo. Reis se engajou pessoalmente na luta pela liberdade de expressão e na defesa dos pesquisadores na universidade.

É difícil escolher uma obra mais representativa entre seus livros, dada a amplitude de seus interesses. Há desde "Methoden der Virusforschung", um resumo em

micróscopio durante visita a uma feira de ciências, em 1964

alemão do que de mais moderno havia sobre os vírus em 1939, escrito com H. da Rocha Lima e Karl M. Silberschmidt.

Mas há também "A Cigarra e a Formiga", adaptado da fábula em que duas formas de espécies brasileiras entram na história.

Reis fez traduções de livros variados sobre a criatividade, a teoria da relatividade, os animais da América do Sul ou obras técnicas em agricultura ou didáticas.

A carreira de Reis parece à primeira vista a coleção de atividades muito diferentes, uma "aparência falsa de unidade", como ele disse de si próprio certa vez. "Essa unidade, porém, sinto que ela existe. Não é a unidade de uma linha reta de quem segue sempre a mesma trilha de pesquisa do começo ao fim, mas é a unidade dos círculos crescentes que leva a procurar implicações cada vez maiores para o próprio conhecimento que vou adquirindo."

O jornalista Ricardo Bonalume Neto recebeu sobre ciência e tecnologia desde 1983. Recebeu o Prêmio José Reis de Jornalismo Científico para o ano de 1990, concedido pelo Cnpq, em 1991.

nenhum contato com a realidade. E isso na década de 50! Até hoje discutimos essas coisas. A gente sente a perda de um orientador, de um paião.

MARCELO GLEISER, físico e colunista da Folha:

À ciência, como diria o prof. José Reis, pertence a todos. Se a divulgação científica é hoje uma realidade no Brasil, inspirando realmente milhões de pessoas, isso se deve em grande parte aos seus esforços. E que belíssimo legado ele nos deixou, transmitindo em seus escritos, com humildade e poesia, a beleza única desse mundo para que todos possam admirá-la.

GLACI ZANCAN, bioquímica e presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência:

Além de ter sido fundador da SBPC, o professor José Reis foi um dos primeiros divulgadores de ciência no Brasil. Foi quase um século de dedicação à ciência. Não o conheci pessoalmente, porque ele já não participava das reuniões da SBPC. Mas sei que li a sua coluna semanal, que ele escreveu até o fim. Com a morte dele, perdemos um pedaço da nossa história. Estamos desolados."

ULISSES CAPOZZI, presidente da Associação Brasileira de Jornalistas Científicos:

"Ele foi o criador do jornalismo científico no Brasil. Percebi no primeiro momento que o jornalismo científico era uma arma de combate indispensável. Além do mais, era uma pessoa sem nenhum apego ao poder."

CRODOWALDO PIVAN, geneticista, ex-presidente do Cnpq e presidente da Associação Brasileira de Divulgação Científica:

"Ele foi a alma mostra da SBPC. Foi ele quem fez a reunião que juntou o Maurício Rocha e Silva, Paulo Sawaya e o Gastão Rosenfeld, os fundadores da sociedade. Eu o conheci em uma das reuniões que o Instituto Biológico fazia às sextas-feiras, onde se discutia de tudo. Foi vice-presidente da Academia Brasileira de Ciências quando ele era presidente, e tirava proveito do homem o mais que eu podia. Ele só não vai fazer falta total porque o que deixou escrito vai representá-lo pela eternidade."

ARTIGO

Textos de Reis nortearam criação da Fapesp

JOSÉ FERNANDO PEREZ

processo. Em artigo na "Folha da Noite" publicado em 13 de janeiro de 1949, José Reis perguntava: "Onde está a Fundação?". Essas perguntas a apenas uma de toda uma série de reflexões registradas desde 1945 sobre como o Estado apoiaria a pesquisa em São Paulo.

Em 1955, José Reis sumariou essa reflexão em longo artigo publicado na revista Anhembi com o título "Fundação de Amparo à Pesquisa". Nesse texto, não reconsiderar todo o processo histórico ainda em curso, ele aproveitava para estabelecer o que considerava princípios fundamentais que deveriam nortear o funcionamento da Fundação. A começar pelo Conselho Superior: "É na de

Conselho numeroso. Seria isso aumentar o número de pontos fracos expostos à pressão dos grupos de interesse. Todo o segundo está em reunir um punhado de homens sinceros de dentro e de fora da ciência". Assim estabeleceu a lei que criou a Fundação.

"Amparo à pesquisa", para J. Reis, é em si sinônimo de compreensão da pesquisa. A Fapesp tem um compromisso inarredável com a sistemática de avaliação pelos pares. Da mesma forma, recomendava que "a Fundação estabeleça como norma rígida a prestação de contas daqueles a quem beneficia". Todo pesquisador que recebe apoio da Fundação está contratualmente obriga-

do a apresentar a relatórios periódicos descrevendo os resultados obtidos e comprovando os gastos. Nesse mesmo artigo de 1955, a atualidade de sua concepção de amparo à pesquisa se destaca quando expressa sua preocupação com a necessidade de formar novos pesquisadores.

As várias palavras de José Reis — que, ironicamente, nunca exerceu nenhum cargo ou função na Fapesp — nos fazem sentir a grandeza do desafio de manter a Fundação fiel aos princípios estabelecidos antes mesmo de sua institucionalização.

José Fernando Perez, Professor do Instituto de Física da USP, é diretor científico da Fapesp

MEMÓRIA Maior incentivador da ciência no Brasil continuou produzindo até o final da vida; enterro acontece hoje às 10h

Morre o divulgador de ciência José Reis, 94

DA REPÓRTER LOCAL

O pesquisador e jornalista científico José Reis morreu ontem em São Paulo aos 94 anos, em decorrência de pneumonia. Iniciador da divulgação científica no país e um dos criadores da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), Reis estava internado desde o dia 29 de abril, com problemas digestivos e pulmonares.

"Ele estava se alimentando por via gástrica [com uma sonda no estômago] há pouco mais de um mês", declarou à Folha Paulo Swenssen Reis, cardiologista de 61 anos e filho do jornalista. De acordo com ele, uma série de pneumonias acabaram debilitando seu pai nos últimos tempos.

A morte de Reis aconteceu às 10h da manhã de ontem no Hospital São Luís, no bairro de Santo Amaro. O corpo foi liberado pelos médicos por volta das 16h30, quando a direção do hospital ain-

da não havia divulgado o laudo sobre a causa da morte.

Velado durante a noite de ontem no Cemitério São Paulo, em Pinheiros, José Reis deverá ser enterrado hoje, às 10h. Mesmo aos 94 anos, ele continuava lúcido e produtivo, escrevendo regularmente sua coluna "Pericípio" para o caderno Mais da Folha.

"Ele estava bem, ficou pior apenas por causa da pneumonia", afirmou Nair Lemos, secretária de José Reis e, de acordo com familiares presentes ao velório, sua grande companheira nos últimos tempos. "A cabeça dele continuava boa. Ele só ficou inconsciente antontem, quando foi sedado."

Além dos filhos Paulo e Marcos, José Reis deixa seis netos e uma bisneta. Júlio Abramczyk, redator-médico da Folha, resume a herança de Reis: "Ele deixou um legado muito mais importante que qualquer tesouro, que é a disseminação do conhecimento".



O pesquisador e jornalista científico José Reis aparece diante de câmera da TV Cultura, em 1964



"O impulso que sentia para divulgar os achados da ciência talvez seja, no fundo, uma forma de criatividade didática."

JOSÉ REIS

REPERCUSSÃO

RONALDO SARDENBERG, ministro da Ciência e Tecnologia:

Todos lamentamos a perda do convívio com o médico, pesquisador, jornalista e educador José Reis, pioneiro na divulgação científica no país, um exemplo indelével de vigor intelectual. Cedo compreendeu que não há outro caminho para ampliar o conhecimento em ciência e tecnologia senão aumentar o alcance e a compreensão dos textos científicos, em permanente diálogo com a sociedade. José Reis deixa um legado: só o conhecimento permitirá ao país avançar econômica e socialmente para integrar, no futuro, o grupo dos países avançados. Um dos grandes méritos de José Reis foi a obsessão pela ciência e a obstinação por sua divulgação e melhor compreensão.

RICARDO BONALUME NETO

DA REPÓRTER LOCAL

José Reis, cientista e jornalista, foi sem dúvida alguma o brasileiro que mais fez pela divulgação da ciência no país. Conseguiu aliar uma importante carreira de pesquisador com reputação internacional ao trabalho de explicar ciência de modo didático através da imprensa. Escreveu na Folha a partir de 1947, quando o jornal se chamava "Folha da Manhã".

Reis conseguiu fazer um trabalho de qualidade em quantidades assombrosas: seus textos de divulgação científica são contados aos milhares. Desde 1992, quando foi criado o caderno Mais, publi-

PERFIL

Carreira aliou jornalismo e pesquisa



O pesquisador e divulgador

REPERCUSSÃO

ROGÉRIO CEZAR DE CERQUEIRA LEITE, físico e professor emérito da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas):

Ele foi muito importante no cenário científico brasileiro pela constância com que fez divulgação de ciência. Era um exemplo de amor à ciência porque escreveu até morrer. Ele é um exemplo de que o cientista não precisa ficar dentro de uma redoma, de que ele pode conversar com a sociedade.

ESPER CAVALHEIRO, médico, presidente do CNPq:

Zé Reis é uma pessoa que, embora eu era estudante de graduação. Era uma referência para nós, que fomos às reuniões da SBPC. Ele teve o vislumbre de que o cientista tem dificuldade de expressar o seu cotidiano e ajudou a

A PROXIMA-SÉ a reunião mensal em que o Banco Central define a taxa básica de juros. Num ambiente de atividade econômica fraca e de dívidas quanto ao cumprimento da meta de inflação, volta a crescer o debate em torno dos juros. Mas o escopo desse debate tem-se revelado muito estreito: discute-se apenas se um pequeno corte dos juros provocará uma alta excessiva da inflação.

Mais importante é discutir por que a taxa de juros básica se mantém, desde 1994, bastante alta, em termos reais. A razão maior é a vulnerabilidade das contas externas. A política econômica criou uma situação em que baixar bastante os juros e acelerar o crescimento da economia traz o risco de provocar uma crise cambial. A adoção do regime de câmbio flutuante, no início de 1999, amenizou, mas não eliminou, esse problema.

É uma trama difícil de desarmar. Um exemplo disso é dado por estudo recente da Fundação Getúlio Vargas divulgado pela Fiesp, que aponta os juros altos como um fator que encarece o crédito e mina a competitividade do produto nacional, reforçando

assim a vulnerabilidade externa. Segundo o estudo, supondo que indústrias de menor porte paguem 45% ao ano pelo capital de giro (taxa compatível com o custo médio desse tipo de crédito, que, segundo o BC, é de 36% ao ano), esse custo representa cerca de 10% do preço final dos bens.

A competitividade — e, portanto, a solidez das contas externas — também se encontra prejudicada pela fragilidade das contas públicas (que, por sua vez, é em boa medida fruto dos longos anos de juros altos). De acordo com outro estudo da FGV, os tributos que incidem sobre cada etapa do processo produtivo encarecem os manufaturados em 9%, em média. São justamente esses tributos com incidência “em cascata” (PIS/Pasep, Cofins e CPMF) aqueles que o governo mais tem aumentado para reforçar a arrecadação e estancar o aumento da sua dívida.

Os juros altos são um remendo custoso. Para abrir mão deles, é preciso desatar os nós que mantêm vuneráveis as contas externas e as contas públicas. Tarefa, árdua, para o próximo governo.

JOSÉ REIS

DIVULGAÇÃO científica no Brasil e José Reis são sinônimos, mas Reis foi mais do que apenas um divulgador da ciência. Ele foi capaz de aliar a carreira de jornalista com a de pesquisador de renome internacional em sua área, a microbiologia.

Sua biografia e a de algumas das mais importantes instituições de apoio à ciência no Brasil se confundem. Em 1948, ajudou a fundar a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, a SBPC, que tantos serviços prestaria ao país. Também esteve envolvido na criação da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) e foi um dos responsáveis pelo surgimento da figura do pesquisador universitário em tempo integral, sem o qual a ciência brasileira dificilmente teria ultrapassado a fase do dilematismo.

Reis obteve a rara honra de tornar-se, ainda em vida, nome do mais importante prêmio de divulgação científica do país, que é distribuído anualmente pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) a instituições, jornalistas e pesquisadores.

Contrariando o estereótipo do cientista avoado, Reis era um bom administrador. Dirigiu o Instituto Biológico e daí foi convidado para participar de algumas das reformas administrativas do governo paulista, sob as gestões de Fernando Costa e Macedo Soares. Foi também o primeiro diretor da atual Faculdade de Economia e Administração (FEA), da Universidade de São Paulo.

Como jornalista, Reis não se restringiu a escrever artigos científicos na *Folha*, o que fez quase ininterruptamente por mais de meio século, de 1947 até as duas próximas edições do *Mais!*. Entre 1962 e 1967, ele foi o diretor de Redação desta *Folha*.

Eclético, Reis se aventurou em várias áreas do saber. Além de sua obra em microbiologia, escreveu livros técnicos sobre agricultura, um texto sobre a teoria da relatividade de Albert Einstein e até fábulas infantis.

Mais do que um jornalista e um cientista completo, desaparece com José Reis um raro polímata, um homem que precocemente percebeu a importância de envolver o público no debate das descobertas científicas.

José Sarmay, por exemplo, reabilitou, embora parcialmente, o regime militar para ser posteriormente rea-

MARTA SA

Quanto cus

BRASÍLIA - São conversas de corredor no Congresso. Um deputado faz as contas e conclui que, cortados os luxos e as gordurinhas, não gastará menos de R\$ 700 mil para se reeleger. É pouco, diz um outro: por menos de R\$ 1 milhão — quase o que foi apreendido na Lunus —, não há como entrar na disputa.

Os valores, embora superem de longe os salários que os personagens acima receberão nos próximos quatro anos, caso sejam eleitos, não são absurdos perto do recorde da campanha de 98. O senador José Alencar declarou à Justiça eleitoral gastos de R\$ 3,89 milhões.

É provável até que as contas da próxima eleição caminhem numa direção oposta à dos preços da economia do dia-a-dia, segundo lógica própria. Uma certa deflação é esperada. Consequência do ritmo mais lento da economia e, principalmente, do crescente receio dos financiadores com a política.

Menos arriscado é prever que mais uma eleição virá sem que se saiba exatamente seu custo nem quem

MARCEL

O teste

RIO DE JANEIRO - O crime desorganizado está testando o governo Benedita da Silva (PT), no Rio. Ontem, dois postos de policiamento em favelas foram atacados, até mesmo com granadas, e seus sentinelas acoados. Na noite de terça, aconteceu o caso mais ousado, quando um pequeno bando metralhou o prédio onde funcionam a Secretaria de Direitos Humanos e o Departamento do Sistema Penitenciário.

Esses desafios não são novidades. Já aconteceram, em escalas diferentes, dezenas de vezes. Os governos costumam interpretá-los como atos de desespero dos bandidos. No caso do Rio, os ataques seriam uma reação às ações bem-sucedidas da polícia nos últimos 40 dias. Serão?

O mais provável é que estejam apenas testando os limites e pontos fracos da política de segurança do novo governo.

Houve uma mudança evidente nos discursos e na posição da cúpula da polícia depois que Benedita assumiu. O que os bandidos parecem querer

R. Z. - 17.05.2002
Fe / lu de J. Sarmay